

Acordo fechado, diz banqueiro

Com o polegar levantado, Bracher avisa pela janela que se chegou a um acordo com os credores. Antes, disse que passaria o fim de semana no Brasil

MOISÉS RABINOVICI
Nosso correspondente

NOVA YORK — Um banqueiro envolvido nas negociações da dívida externa brasileira informou ontem às 22 horas (horário de Brasília) ao **Estado** e **JT** que o acordo provisório com o Brasil tinha sido fechado. A informação confirmava afinal os sinais otimistas transmitidos pelo chefe da equipe de negociadores brasileiros, Fernão Bracher, pela janela aos repórteres que estavam na rua às 18 horas.

Após 21 dias de negociações, segundo Bracher e o banqueiro, o Brasil e os bancos credores chegaram a um acordo, mas os termos do entendimento final somente deveriam ser revelados durante a madrugada de sexta-feira.

"Vou passar o fim de semana no Brasil", disse Fernão Bracher no início da tarde, para demonstrar sua intenção de concluir a negociação com os bancos. Para o assessor do Ministério da Fazenda, a moratória

da Argentina (ver página 23) não afeta em nada a negociação brasileira.

DEPÓSITO

Horas antes, às 3h30 da madrugada no horário brasileiro, Bracher tinha saído de uma reunião iniciada às 11 horas da manhã do dia anterior. William Rhodes, presidente do comitê credor, saiu antes dele e, quando a imprensa o cercou, querendo saber o que atrasava tanto um acordo provisório, ele respondeu secamente: "Perguntem ao senhor Bracher".

Quando consultado, Bracher surpreendeu-se que Rhodes achasse que ele é quem teria a explicação. "Ele disse isso, é?" perguntou e começou a brincar com os repórteres dizendo que seu filho nasceu em Friburgo, perto da Basileia, na Suíça, onde em princípio deverá ser depositado o total de US\$ 4,5 bilhões do acordo negociado nos últimos 21 dias. Um terço por conta do Brasil e dois terços por conta dos bancos.

Um novo impasse que bloqueou um acordo, anteontem, foi provocado pela taxa de juros a ser cobrada pelos US\$ 3 bilhões que os bancos vão depositar para que o Brasil lhes pague os juros devidos. Os bancos pediam a *libor* mais 11%, enquanto o Brasil oferecia mais 0,6%.

Do lado brasileiro, esse parecia o último detalhe a ser acertado. Mas para os bancos não. Faltava-lhes, por exemplo, discutir o critério que adotarão para levantar entre eles os US\$ 3 bilhões prometidos.

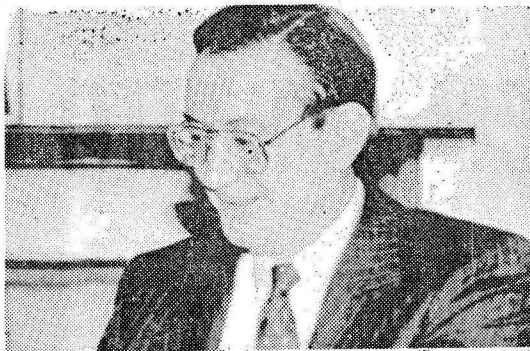
Fernão Bracher não sabia, ao entrar quase ao meio-dia para uma no-

va reunião, se sairia dela cedo ou, como no dia anterior, pela madrugada.

Repetiu que "depende deles". Sua sobrancelha direita estava arrepiada formando um ângulo curioso em sua testa. Mas não há mais tanto tempo disponível para as negociações, segundo o jornal **Wall Street Journal** de ontem. O prazo para um acordo dado pelo governo americano encerra-se hoje.

A partir de hoje, a qualquer momento, o secretário do Tesouro, James Backer, poderá assinar, não havendo um acordo, a recomendação feita por uma comissão interagências de rebaixamento da dívida brasileira.

Isso obrigará os bancos americanos a abater 10% da dívida de US\$ 67 bilhões do Brasil, ou até mais se computados os juros acumulados desde a proclamação da moratória. Para eles, nesse momento em que a Bolsa de Valores se mostra volátil, este abatimento seria desastroso, um duro golpe para seus acionistas. Se punidos pela moratória brasileira, poucos bancos, porém, sentiriam-se à vontade para partir a represálias tipo seqüestro de bens, como já insinuado, pois a maioria tem muitos interesses em jogo no Brasil.



AFP

Rhodes: 'Perguntem ao sr. Bracher'